



“O ESPELHO DE LEVI”: A NARRATIVA EDUCATIVA DA CHEGADA EM AUSCHWITZ EM “É ISTO UM HOMEM?” (1944).

Débora da Silva Sousa (Bolsista CNPq)

Universidade Federal da Paraíba (PPGE-UFPB - deborakemet@gmail.com)

Thiago Rafael Oliveira (Bolsista Capes)

Universidade Federal de Campina Grande (PPGH-UFCG) – rafaelhistoriaufcg@gmail.com

RESUMO:

Objetivamos com este artigo analisar como o químico italiano Primo Levi (1988), ao adentrar no campo de concentração de Auschwitz no ano de 1944, formulou e utilizou formas de alteridade a partir da educação de seus sentidos perante o horror que encontrara naquele campo. Levi, posteriormente, rememorou e narrou as suas primeiras experiências acerca do Holocausto e como se deram o modelamento das suas sensibilidades perante o evento histórico em sua obra de título “*É isto um homem?*” Para dialogar com este autor e sua narrativa educativa, apropriamo-nos do conceito de alteridade empregado por François Hartog (1999), com o intento de atrelarmos a adaptação de Levi a certos sentimentos, hábitos e comportamentos ao que Hartog chama de “estranhamento” perante o outro, seja este “outro” representado em “sujeitos”, experiências e “territórios” que se exprimem de forma diferente do e para o narrador ou ainda a sua forma distinta de lançar um olhar sobre os fatos ocorridos.

Palavras-Chave: Primo Levi, Alteridade, Educação, Holocausto.

INTRODUÇÃO

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa, gota a gota (LEVI, 1988, p. 25-26).

É assim que Primo Levi¹ descreve a antessala em que os prisioneiros recém-chegados ao campo de concentração de Auschwitz-Bikernau² permaneciam após sua “aterrissagem” em tão escuso local, onde o tempo custava a passar e as sensações eram de impotência e angústia penetrantes. Mas por que Levi a descreve como inferno? Vale salientar, de antemão, que o autor italiano, na sua obra chamada *É isto um homem?*³, faz um joguete de palavras

¹ Químico Italiano, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, autor de destacadas obras sobre o terror dos campos de concentração como *É isto um homem*, *Os afogados e os sobreviventes* e *A trégua*.

² Nome do conjunto de campos de concentração localizados na alta-silésia, na Polônia, onde o Terceiro Reich Nazista operacionalizou o maior número de mortes dentro da logística do Holocausto.

³ Livro do escritor italiano Primo Levi que narra suas vivências e experiências no campo de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial.



entrelaçando a aterradora sensação de se estar em Auschwitz à maneira como Dante Alighieri⁴ descrevia o inferno na sua obra *Divina Comédia*, principalmente em passagens em que ele cita a jornada de Ulisses ao regressar para casa, mas que não encontra nenhum rosto amigo ou algo semelhante, mas sim a derrocada final de seus sonhos:

Diferente do que na *Odisséia*, de Homero, que na sua época não conhecia em original, no canto 26 Dante descreveu em seu Inferno a última viagem de Ulisses de modo que ela não acaba na volta para casa, mas no naufrágio e fim. Assim, em Dante, Ulisses narra essa história como morto, e (pelo pecado de conselhos enganosos) é condenado ao fogo do Inferno. Por esse motivo, também o leitor de Dante, arrastando pelo campo um latão de sopa com “repolhos e nabos”, na sua *recitatio Dantis* tem subitamente a ideia de que a última viagem de Ulisses poderia muito bem ser uma imagem de sua própria situação no campo de extermínio de Auschwitz.(WEINRICH,2001, p.261)

É assim que Levi demonstra sua alteridade perante o “Inferno” de Auschwitz: como uma divina comédia que, de um jeito ou de outro, acabaria em tragédia como acabara para Ulisses no poema de Alighieri. Ao se remeter ao Inferno de Dante, Levi faria assim outro exercício de escrita, de representação, de educação (GAY,1988): Narrar para os seus pares (italianos) num formato de “código” que soaria como um grito desesperado de dor e de angústia, como se aquele exercício de gritar enterrasse seus fantasmas e exorcizasse os “demônios” absorvidos naquela estadia no Inferno, e enclausurados na alma de Levi até que ele os expulsasse através do movimento do escrever para não esquecer (POLLAK, 1989).

A partir destas breves e prévias elucidações, buscaremos neste artigo analisar o estranhamento pelo qual Levi passou ao chegar no campo de concentração de Auschwitz, perpassada esta alteridade como define HARTOG (1999) pelo modelamento dos sentidos do químico como prerrogativa para a sua sobrevivência em Auschwitz, quando neste espaço passou a viver, em 1944. Para tanto, tomamos como fonte o seu livro que narra estas experiências, a saber, “*É isto um Homem?*”, a partir do diálogo com o conceito de alteridade preconizado por François Hartog e contida em sua obra *O Espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro*⁵. No interim de sua percepção acerca do que se diz e se apreende em relação ao *Outro* (HARTOG, 1999).

⁴ Escritor, poeta e político Florentino, nascido na atual Itália, autor de obras como *A Divina Comédia* e *Sobre a língua vulgar*.

⁵ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio e representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão – Belho Horizonte: Ed. UFMG, 1999.



“AQUI SE NADA DE OUTRO MODO”⁶: LEVI E A IMERSÃO EM ÁGUAS TURVAS E TEMPESTUOSAS

Para iniciarmos nossa conversa, é interessante ficarmos atentos ao que se dispõe acerca da História Cultural, principalmente no que se remete à temporalidade do pós Segunda Guerra. Eventos como o Holocausto, as bombas de Hiroshima e Nagasaki e outros crimes contra a humanidade trouxeram à tona uma nova abordagem sobre o conhecimento acerca da essência humana, e nisto, a História Cultural desenvolve um papel crucial, no tocante a essa nova demanda de se estudar e tentar decifrar essa “nova forma” de abordagem das vivências humanas:

A dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e interesses. Os modelos correntes de análise não davam mais conta, diante da diversidade social, das novas modalidades de fazer política, das renovadas surpresas e estratégias da economia mundial e, sobretudo, da aparentemente *escapada* de determinadas instâncias da realidade – como a cultura, ou os meios de comunicação de massa – aos marcos racionais e de logicidade. (PESAVENTO, 2005, p.09)

Dentre esses eventos limítrofes supracitados, podemos destacar o Holocausto, tendo em vista que este acontecimento é o recorte com o qual trabalharemos neste ensaio. O termo “Holocausto” fora usado para designar o massacre de seis milhões de judeus (em números aproximados) durante o governo de Adolf Hitler na Alemanha e em países vizinhos dominados pelo III Reich. Há de se entender aqui que não apenas judeus foram perseguidos e executados, como citamos mais acima, mas também outras minorias da Europa. Também temos que mencionar o fato de que o Holocausto não foi o único assassinato em massa perpetrado a povos no Século XX: temos como desprezíveis exemplos o massacre de Armênios pelo Império Turco-Otomano; o confinamento de milhões de prisioneiros durante o governo de Stalin na Rússia pós-revolução bolchevique, episódio conhecido como Holodomor⁷, entre outros massacres étnicos de caráter genocidário (HOBSBAWN, 1995).

O que talvez difira o Holocausto destes outros morticínios supracitados seja justamente sua sistematização e execução, nas quais apareceram as práticas educativas

⁶ Referente ao trecho do livro *É isto um homem*, onde Primo Levi destaca sua entrada em Auschwitz como uma imersão “em outras águas”, diferentes daquelas que se nadavam no Serchio, rio pertencente a cidade da Toscana, na Itália.

⁷ Nome dado ao massacre de cerca de 10 milhões de ucranianos durante o regime stalinista na União Soviética.



modeladoras do corpo⁸. Em seu livro *Mein Kampf*, escrito enquanto esteve detido, Adolf Hitler formulou uma teoria de que apenas a raça ariana deveria prosperar e prosseguir na Europa, e que minorias, como judeus, eslavos e ciganos deveriam ser tratados como “adversários de todo o espírito da humanidade”. A partir destas afirmações doutrinárias, foram criados os “inimigos” do povo alemão, na ótica de derrotados na Primeira Grande Guerra (1914-1918), e através da imposição do Tratado de Versalhes⁹, onde a figura do judeu fora amplamente difamada e culpabilizada pela derrota alemã na guerra.

Na verdade, tudo isto estava velado por trás de uma “legítima” doutrina antissemita que Adolf Hitler pretendia propagar na mente e na vivência de toda população alemã (VIDAL NAQUET, 1987) a ideia de um judeu sujo, desviante, promíscuo e corrupto. Com a ascensão de Hitler ao poder como Chanceler da Alemanha, em 1933, os judeus foram severamente atingidos por leis de restrição, onde os mesmos não podiam possuir cargos públicos, jantar em restaurantes “comuns” nem andar no mesmo transporte público destinado aos “cidadãos arianos”. Mas essas medidas reguladoras e decerto educativas, não seriam suficientes para os nazistas. Na madrugada de 9-10 de Novembro de 1938, a SA¹⁰ proporcionou, até então, o maior pesadelo para os judeus residentes na Europa: a chamada *Kristallnacht*, ou noite dos cristais. Fora chamada assim por conta dos vidros das lojas espalhados pelo chão, e que brilhavam como cristais ao amanhecer. Essa ação, também impetrada por civis, consistiu em uma busca implacável por estabelecimentos judeus, com a ideia de que estes estariam:

[...] tomando o lugar do cidadão verdadeiramente alemão, merecedor do espaço vital germânico para trabalhar e prosperar, e que os judeus eram como ‘pugas’ que não deveriam ser apenas afastados, mas sim exterminados (VIDAL NAQUET, 1987).

Assim, durante essa *aktion*, cerca de 90 judeus foram mortos e mais de 30 mil foram presos e deportados para campos de concentração. Historicamente falando, talvez partiu deste incidente toda a trama que culminaria com o massacre de mais de seis milhões de judeus, mas lembremos de que esta prática ainda não estava devidamente “oficializada”. As execuções ainda eram arbitrárias e esporádicas, realizadas principalmente em florestas e locais próximos aos campos de concentração, figurando entre uma das mais conhecidas dessas execuções o

⁸ O Holocausto usou seres humanos como cobaias para experiências médicas e educativas, onde, nos campos, essas práticas eram executadas por profissionais que seriam, entretantes, doutrinados para o aperfeiçoamento da raça dita ariana.

⁹ Tratado de “paz” assinado pelas potências vencedoras da Primeira Guerra. Este tratado impunha à Alemanha severas punições, como o esfacelamento do exército, a proibição da fabricação de armas e a devolução de territórios importantes para a economia germânica.

¹⁰ Sturmabteilung. Traduzido para o português como “destacamento tempestade”. Forças paramilitares nazistas que agiam, muitas vezes com a colaboração de civis, para “varrer do mapa” os indesejáveis ao regime nazista.



massacre de Babi Yar¹¹. Mas, a partir do ano de 1942, já com a Segunda Guerra Mundial em andamento, fora realizada a famigerada Conferência de Wannsee¹² onde houvera a total sistematização para a execução do plano tenebroso que Hitler propusera no seu supracitado livro: *Endlösung der Judenfrage*¹³. Nesta reunião, regada a bebidas fortes, charutos e guloseimas, uma pequena porção de homens decidiu o destino final dos judeus confinados nos campos de concentração: A morte. A partir de então, criaram um sistema ainda mais organizado de assassinatos em massa. As câmaras de gás, já utilizadas de forma “extraoficial”, agora seriam empregadas de forma sistemática e contínua em campos como Treblinka, Sobibor, Maidanek e Auschwitz. Para apagar os rastros deste morticínio, também fora dada a ideia de que fornos crematórios “completariam o serviço”, então, a partir dessa reunião, seria “legalizado” o extermínio não apenas do corpo físico, mas também da memória e da história dos judeus europeus.

Neste entremeio, surge Primo Levi, um químico italiano, integrante de um pequeno grupo de *partisans*¹⁴, que preferiu alegar sua “condição” de cidadão judeu-italiano à de comunista, pois, erroneamente, acreditava ele que ser judeu era menos “criminoso” que ser um simpatizante vermelho para os comandados de Hitler. Fora deportado e “detido pela Milícia fascista no dia 13 de Dezembro de 1943. E, como disse ele: “Tinha apenas 24 anos, pouco juízo, nenhuma experiência” (LEVI, 1988, p.11) onde, devido aos encargos quase dogmáticos da engenharia social nazista, por ser judeu, mas também formado ao ser químico e “economicamente útil” para a guerra, fora mandado para o complexo de Buna-Monowitz, localizado dentro das dependências de Auschwitz.

A partir de então começa o grande choque para Levi pela impositiva remodelação dos seus sentidos e comportamentos. O *Homo Sapiens* se tornaria no *Homo Lager*¹⁵, e os estranhamentos e crises de existência pairariam sobre a cabeça de Levi. Por que existir um lugar especialmente arquitetado, planejado e executado para matar pessoas? Por que os judeus? Por que as minorias? Levi demoraria um pouco para resolver tais questões (ou talvez nunca as tenha resolvido)¹⁶, pois estava inserido em um mundo novo, totalmente diferente do

¹¹ Ravina localizada em Kiev, na Ucrânia, onde cerca de 34 mil judeus foram sumariamente assassinados em menos de 48 horas pela SS nazista.

¹² Reunião de líderes do partido nazista e de membros da SS na cidade de Wannsee, subúrbio de Berlim.

¹³ “Solução final da questão judaica”. Termo criado pelo General da SS Reinhard Heydrich.

¹⁴ Membro de uma tropa não-organizada, que servia de milícia contra ocupação estrangeira em determinados países.

¹⁵ Termo usado por Levi para designar a “transformação” de um homem comum em um homem do campo (de concentração)

¹⁶ Levi morreu em 11 de Abril de 1987, ao cair de um vão da escadaria de sua casa em Turim. Para muitos biógrafos, a tese de suicídio é a mais aceita. Um grande amigo seu, também sobrevivente do Holocausto, Elie Wiesel (Nobel da paz de 1986), disse na ocasião: “Primo Levi morreu em Auschwitz, há 40 anos” (83) 3322-3222



seu, com novas regras, novas burlas, novos cenários e novos personagens, onde o olhar do narrador sofre uma mutação substancial perante o entendimento do que é e do que se tornou a condição humana naquelas épocas. Levi estaria, segundo Hartog (1999, p. 240), entre o cerne da comparação e da analogia:

Para dizer o outro, o viajante dispõe também da comparação. Com efeito, ela é uma maneira de reunir o mundo que se conta e o mundo em que se conta, passando de um ao outro. É uma rede que joga o narrador nas águas da alteridade: o tamanho das malhas e a montagem da trama determinam o tipo de peixe e a qualidade das presas, constituindo o próprio ato de puxar a rede um modo de reconduzir o outro ao mesmo. Assim, a comparação tem lugar numa retórica da alteridade, em que intervém na qualidade de procedimento de tradução. (HARTOG, 1999, p.240).

Levi seria assim, ao mesmo tempo, um narrador, que contaria a história, mas também um personagem da própria história, e aqui está a complexidade de entender Levi como um narrador do Holocausto: Poderíamos atrelar ele à categoria de testemunho parcial, e não narrador total, pois o que ele presenciou dentro do âmbito do holocausto fora deveras microespacial perante a grande catástrofe. Outro fator que também pode ser problematizado é o lugar de Levi enquanto prisioneiro: era judeu, via seus pares sofrerem, mas possuía uma leve “regalia” perante os outros, pois era “economicamente aproveitável” e isso significava alguns dias ou semanas a mais de vida através das suas formas de pensar e se comportar.

Ao contrário, ou mesmo num paralelo do que Hartog propõe, Levi não aparece em sua narrativa como um elemento distante do que aconteceu, e não se inseria gradativamente na história, pois, estava nela e fazia parte dela do seu começo ao seu fim, então, a partir desta posição, não podia ver “outro lado” da história, mas, reafirmava sua alteridade para com o campo quando chegou nele e assim, fora inserido em um oceano de dúvidas e incertezas. Pois, Auschwitz e a sua política exigiu dele os ajustes as suas maneiras de sentir e de agir.

“MORRER POR UM SIM OU POR UM NÃO”: LEVI NO ESPAÇO DO OUTRO (?)

Pensem bem se isto é um homem/ que trabalha no meio do barro/ que não conhece a paz/ que luta por um pedaço de pão/ que morre por um sim ou por um não./ Pense bem se isto é uma mulher/sem cabelos e sem nome/ sem mais força pra lembrar/ vazios os olhos, frio o ventre/ como um

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



sapo no inverno (LEVI, 1988, p.09).

Este trecho acima foi extraído do poema “É isto um homem?”, contido no livro homônimo de Primo Levi e nos permite analisar o contexto da divisão de olhares que passeiam pelo cerne do campo da visão do escritor italiano: a fuga da condição humana, a dúvida; seria isto mesmo um homem? Uma mulher? Estariam eles relegados realmente a uma condição animalesca? Seria este mesmo o “inferno” que Dante descrevera? Estes questionamentos aparecem de forma espontânea quando vamos folheando a obra de Levi. Junto aos questionamentos, percebemos os caminhos tomados por Levi ao descrever seu cotidiano no campo.

Por outra parte, o processo todo de inserir-se nesta ordem, nova para nós, acontece de forma grotesca e fantástica. Depois da operação tatuagem, encerraram-nos num barracão onde não havia ninguém. Os beliches estavam arrumados, mas nos foi severamente proibido tocá-los ou sentar neles; assim, durante metade do dia vagamos sem rumo no pouco espaço disponível, atormentados ainda pela sede exasperada da viagem. Abriu-se, então a porta; entrou um rapazote de roupa listrada, de boa aparência, pequeno, magro e loiro. Este falava francês, e nos aglomeramos ao seu redor, bombardeando-o com todas as perguntas que até então nos fizéramos uns aos outros (LEVI, 1988, p. 35-36).

Neste trecho do livro, Levi tem um encontro com o desconhecido, com o “outro”:
Um rapaz que já morava no campo. Os novatos se perguntam: quem era o rapaz? por que a roupa listrada? A figura desse rapazote serviu como instauradora de novas inquietações e dúvidas dentro do campo, mas ao mesmo tempo como um consolo para aqueles que ali estavam, pois: aprendia-se que não se morria logo após sair daquela sala. O estranhamento se dava justamente por ele, Levi, perceber o jovem francês como diferente dele, mas, numa esfera de subconsciência, o autor sabia que aquele era um par, como nos diz Hartog (1999) “Dito de outro modo, classificando o outro, classifico-me a mim mesmo”.

Levi classifica, assim, o campo como território diferente, como cartografia escusa e beligerante, onde tudo o que aconteceria a partir do momento em que ele lá é jogado, seria um mar de estranhamento, alteridade e modelação. Tudo é novo, tudo é estranho. Até no momento em que, para muitos religiosos, inclusive os judeus, há um ritual sacralizante, ou seja, a refeição, existe no campo de concentração um escárnio, um roubar de si, uma humilhação. Primo Levi percebe este como um dos maiores acintes à sua humanidade, sua



condição enquanto ser humano é violada por um novo que o invade e o transforma, de modo que ele duvida mesmo estar ali, por alguns instantes:

Ao que parece, esta é a verdadeira iniciação: só “mostrando o número” recebem-se o pão e a sopa. Necessitamos de vários dias e de muitos socos e bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número, de modo a não atrapalhar as cotidianas operações de distribuição de víveres (LEVI, 1988,p.34).

Para além de coisificado e animalizado, Levi nos mostra outra faceta da sua imersão no campo de concentração: o homem é transformado em um número, e apenas se aceitando e se enxergando como tal, se pode fazer parte da “engrenagem”. Negando este papel, se estaria excluído das novas cartografias sociais e espaciais atribuídas ao campo. Levi começaria assim a entender o papel que o campo desempenhava: a desumanização total, o chamado “fundo do poço”, que Levi denomina de “etapas de destruição do judaísmo europeu” (LEVI, 1988, p.34).

Levi apreende os códigos e sinais do campo não de uma forma didática, mas à base da força e da opressão. Restou a ele, ao autor, classificar e traduzir o que viu, o que lançou olhar naqueles dias sombrios, que teve de aprender (HARTOG, 1999, p.260). O papel de Levi dentro do campo de concentração, para os que viriam depois, foi justamente este: traduzir a dor para aqueles que não a sentiram, narrar o desconhecido, com o cerne do conhecido através do sofrimento. Auschwitz, diante da lembrança de Levi e de outros escritores que narraram o desconhecido e o terrível, nos aparece como uma espécie de paradigma novo, quase impensável, como fora descrito no começo deste artigo, pois é algo que a experiência humana nunca havia conhecido, é um universo novo para todos aqueles que adentram nele, sejam narradores, comentadores ou pesquisadores que, através das narrativas de quem viveu tal inferno, buscam entender, ou pelo menos analisar tal fato, um evento limite que põe à prova tudo que imaginamos acerca da experiência humana em uma guerra.

Mesmo que Hartog (1999) se remeta ao período antigo da História quando narra a alteridade dos gregos, podemos nos validar de sua ideia para buscar entender o espanto de Levi quando adentra no campo de concentração, pois, mesmo com características narrativas diferentes de Heródoto, o químico italiano também encontra o díspar perante seus olhos, e tenta narrá-lo de acordo com suas experiências, até então poucas, de uma vivência no meio de uma guerra que, além de todos os obstáculos que uma



disputa beligerante traz, “inovava” com novos métodos de matança e eliminação da condição humana enquanto conhecemos. Levi é um Ulisses de seu tempo, nadando no rio da morte, contra a correnteza, tentando um resquício de sobrevivência, uma célula de paz ou pelo menos uma razão par viver no meio de um Inferno, que, para nossa tristeza, não era fictício: era arquitetado por homens que buscavam, com suas estratégias, eliminar o outro e fazer com que este não tivesse mais sombra de sua existência.

Primo Levi acaba por se tornar, assim como outros narradores do Holocausto, um dos principais nomes expoentes da catástrofe, do desmantelamento do espírito humano naquela época sombria. Sua percepção acerca do ocorrido, principalmente na obra aqui estudada, nos faz perceber que a principal fagulha de sua resistência em aceitar sua “nova” condição de corpo educado era justamente o fato de se entender como contrário a tamanha desgraça. O autor observa como diferente não apenas aqueles prisioneiros, de roupa listrada, com um andar desengonçado e trôpego, como se carregasse o peso do mundo nas costas. O diferente, o “outro” para Levi também o alemão, representado na figura dos violentos soldados. Aquele alemão histórico, educado, gentil, havia sumido perante botinadas e cotoveladas dos nazistas, mas se engana quem crê apenas na violência física. Existia também o cerne da humilhação, onde o “humor teutônico” escarna, diminui e ameaça (LEVI, 1988,p.37) fazendo com que simples homens tomem suas fardas como armaduras de deuses (ou demônios?) nessa empiria dantesca.

Esta soma de adversidades faz com que Levi desacredite daquele cenário como algo palpável, real. Por isto lhe é relegado o papel de narrador sem fé, sem nenhuma espécie de esperança contida nas palavras, pois para ele, o outro, aquele tão diferente e tão igual a ele ao mesmo tempo, estava mergulhado num oceano de incertezas, mas também de descrença, onde um simples abanar de cabeça servia para determinar o fim ou a continuidade de uma vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos campos de concentração, principalmente no mais afamado de todos, Auschwitz, o conceito de alteridade se aplica logo ao atravessar seus portões, ou mesmo antes disso, no caso de Levi, mesmo antes de saber o âmbito físico de Auschwitz, já se sabia do que ocorria mesmo antes de chegar lá. O estranhamento vem quase que automaticamente, quando se descobre o que se era praticado, como o ser humano



era modelado, animalizado e transformado num ser quase que atrelado ao espaço e ao ambiente do campo, como se a fuga da condição humana o destruísse enquanto ser e o transformasse em paisagem, uma paisagem sombria e desumanizada.

Ao lermos *É isto um homem?*, percebemos o quanto Primo Levi destaca esse desconhecimento e essa estranheza perante a narrativa nefasta, na qual ele próprio estava inserido, e ao mesmo tempo negando seu lugar particular de narrador/personagem, enquanto mapeia os cantos de Auschwitz como um lugar distante, quase como em outra dimensão, onde o ser e o não-ser comungam como um paradigma composto por sua própria condição de prisioneiro, condição esta atribuída por sua sorte, um destino que o fez narrar seu inferno particular como fator de estranhamento e dúvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. 1942 – **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. Fonte digital. Indústrias gráficas S/A. São Paulo, 2003.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**; Tradução: Denise Bottman; Posfácio: Celso Lafer – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Z.A. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro, 1999.

CYTRYNOWICZ, R. **Memória da barbárie. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial**. 2.ed. São Paulo: Nova Stella, 1991.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória e Freud: a educação dos sentidos**. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos. Breve século XX 1914/1991**. Companhia das Letras. São Paulo, 1995.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.



LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

OLIVEIRA, T. R. **Escritas que rememoram, Palavras que atormentam: O Trauma e o testemunho inseridos em relatos literários sobre o Holocausto**. UFCG, 2015, defendida.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª Ed. 1ª reimp. – Belho Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1989, p. 3-15, v. 2.

SCHWEIDSON, Edelyn. **Memória e cinzas: Vozes do Silêncio**. Perspectiva, São Paulo, 2009.

VIDAL-NAQUET, Pierre, 1930. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**, (tradução de Marina Appenzler). Campinas, SP: Papyrus, 1987.

WEINRICH, Harald. **Lete: Arte e crítica do esquecimento**. Tradução de Lya Luft. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001.